

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS  
BACHARELADO EM FILOSOFIA

RAFAEL OLIVEIRA SANTOS

**PODER DISCIPLINAR E CONTROLE SOCIAL: ALGUNS ELEMENTOS DO  
PODER DISCIPLINAR EM MICHEL FOUCAULT**

Goiânia

2024

RAFAEL OLIVEIRA SANTOS

**PODER DISCIPLINAR E CONTROLE SOCIAL: ALGUNS ELEMENTOS DO  
PODER DISCIPLINAR EM MICHEL FOUCAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Me. Denis Borges Diniz

Goiânia  
2024

## FOLHA DE APROVAÇÃO

*Dedico esse trabalho à toda minha família, amigos e professores, aos meus Superiores que acreditaram na minha capacidade e que, de maneiras diferentes, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada um de vocês teve um papel importante nesta jornada, e a vocês dedico esta conquista.*

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para terminar esse curso. Agradeço à **Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, Província São José**, responsável por meus estudos acadêmicos e minha formação humana e religiosa, nos três últimos anos. Agradeço de forma muito especial a minha mãe **Luzia Oliveira de Sousa**, que sempre acreditou em mim. Agradeço ao Professor **Denis Borges Diniz** por ter me orientado sabiamente nesta pesquisa. Agradeço ao meu irmão de Congregação **Arlito Farlen Correia** pela grande ajuda nesse período de formação acadêmica e religiosa. Por fim, agradeço a todo corpo docente do **Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás**, pelos três anos de convivência e ter agregado tanto na minha formação acadêmica e humana, e também a todos funcionários do Instituto.

*“Que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio que a morte de tudo em que acredito não me tape os ouvidos e a boca, pois metade de mim é o que eu grito a outra metade é silêncio”*

*- Oswaldo Montenegro*

## RESUMO

Este trabalho aborda a concepção foucaultiana de poder disciplinar. Ele se destaca, dentre outras coisas, como uma alternativa ao conceito de poder comum aos filósofos contratualistas como Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jaques Rousseau. O estudo analisa como o poder disciplinar estrutura o corpo, organiza o espaço e regula o tempo, permeando instituições e indivíduos de maneira sutil e eficiente. Ao longo dos capítulos, são discutidos elementos fundamentais da “disciplina”, incluindo os corpos dóceis, a vigilância hierárquica, a norma, o exame e o modelo do panóptico, aplicados como instrumentos de controle e conformação social. Através dessa análise, este trabalho busca proporcionar uma compreensão crítica sobre o impacto das práticas disciplinares nas instituições sociais e nos comportamentos individuais.

**Palavras-chave:** Poder disciplinar; Foucault; Vigilância; Instituições; Controle Social.

## RIEPILOGO

Questo lavoro affronta la concezione di Foucault del potere disciplinare. Si pone, tra l'altro, come alternativa al concetto di potere comune ai filosofi contrattualisti come Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jaques Rousseau. Lo studio analizza come il potere disciplinare struttura il corpo, organizza lo spazio e regola il tempo, permeando istituzioni e individui in modo sottile ed efficiente. Nel corso dei capitoli vengono discussi gli elementi fondamentali della "disciplina", tra cui i corpi docili, la sorveglianza gerarchica, la norma, l'esame e il modello panopticon, applicati come strumenti di controllo e conformazione sociale. Attraverso questa analisi, il presente lavoro cerca di fornire una comprensione critica dell'impatto delle pratiche disciplinari sulle istituzioni sociali e sui comportamenti individuali.

**Parole Chiave:** Potere disciplinare; Foucault; Sorveglianza; Istituzioni; Controllo Sociale.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 A ANALÍTICA DO PODER .....</b>	<b>12</b>
1.1 O CONCEITO DE PODER E OS CONTRATUALISTAS .....	12
1.2 O CONCEITO DE PODER EM FOUCAULT .....	15
<b>2 O PODER DISCIPLINAR E SUAS PRATICAS DISCIPLINARES.....</b>	<b>21</b>
2.1 A ANALÍTICA DO PODER DISCIPLINAR.....	21
2.2 A IDÉIA DOS CORPOS DOCÉIS.....	24
2.3 A DIMENSÃO ESPACIAL DO PODER DISCIPLINAR .....	28
2.4 A DIMENSÃO TEMPORAL DO PODER DISCIPLINAR .....	32
2.5 O OLHAR HIERARQUICO DO PODER DISCIPLINAR .....	34
2.6 A NORMA: ESTRUTURA DE PUNIÇÕES E RECOMPENSAS NO PODER DISCIPLINAR .....	38
2.7 O EXAME NO PODER DISCIPLINAR .....	41
2.8 O PANÓPTICO .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Michel Foucault, filósofo francês, destacou-se no século XX por suas análises sobre poder, conhecimento e subjetividade, abordando temas que atravessam a filosofia, história, sociologia e crítica cultural. Nascido em 15 de outubro de 1926, em Poitiers, França, Foucault veio de uma família burguesa e estudou na prestigiada École Normale Supérieure (ENS) de Paris, onde se formou em filosofia. Sua dissertação de mestrado, publicada em 1966 sob o título A “Ordem das Coisas”, marcou o início de sua carreira.

O pensamento de Foucault é comumente dividido em três fases principais. No período arqueológico (1960-1970), concentrou-se na análise de como o conhecimento é produzido e organizado em diferentes épocas, com destaque para obras como “A Arqueologia do Saber” (1969) e “As Palavras e as Coisas” (1966). No período genealógico (1970-1980), examinou como o poder opera nas sociedades e instituições, especialmente em prisões e hospitais, sendo “Vigiar e Punir” (1975) um trabalho-chave dessa fase. Por fim, no período da subjetividade (1980-1984), Foucault viu como os indivíduos constroem sua subjetividade e identidade, com destaque para a tetralogia “A História da Sexualidade”.

Este trabalho investiga o conceito de poder, um elemento essencial para entender as dinâmicas de autoridade, controle e organização social. O poder, no entanto, não possui uma definição única e é interpretado de formas variadas, tanto nas ciências políticas quanto nas ciências humanas. Muitos pensadores como, Aristóteles que discutiu o poder em termos de virtude e a importância do bem comum na política. Nicolau Maquiavel conhecido por sua obra "O Príncipe", onde explorou o poder político e as estratégias para obter e manter o poder. Friedrich Nietzsche argumentou que a dominação e a vontade de poder são características inerentes à natureza humana. Karl Marx analisou o poder em relação às relações de classe e à luta entre diferentes grupos sociais entre outros.

Dada a importância desse conceito, o trabalho se estrutura em dois capítulos principais. No primeiro capítulo, examinamos o conceito de poder dos principais pensadores contratualistas: Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, que basearam suas teorias em um contrato social. Esses filósofos fundamentam suas ideias em uma concepção jurídica e política de poder, transmitido e legitimado pelo pacto social entre governantes e governados. Em contraste, no mesmo capítulo,

apresentamos o conceito de poder em Michel Foucault, destacando como ele se distancia dos modelos contratualistas. Para Foucault, o poder não é simplesmente algo que se possui ou se delega, mas um conjunto de relações que se exercem e que permeiam todas as esferas da sociedade. Sua abordagem se afasta da noção de poder centralizado, abordando-o como algo disperso e capilar, que atua de maneira insidiosa no cotidiano das instituições e na formação dos indivíduos.

No segundo capítulo, que se estende de forma mais aprofundada, serão explorado o conceito de poder disciplinar em Foucault. Focamos nas estratégias e dispositivos que o autor identifica como fundamentais para a operacionalização do poder, como a organização do espaço e do tempo, a vigilância hierárquica, a norma e o exame. Esses mecanismos revelam como o poder disciplinar age na sociedade moderna, moldando comportamentos e produzindo subjetividades por meio de um controle minucioso e invisível.

No segundo capítulo, aprofundamos o conceito de poder disciplinar, analisando suas características e suas múltiplas manifestações. Começamos pela discussão dos "corpos dóceis", um conceito central para entender como o poder disciplinar se instala diretamente no corpo dos indivíduos, moldando suas ações, gestos e comportamentos. A disciplina, nesse sentido, é responsável por transformar os corpos em ferramentas úteis e eficientes, operando de forma contínua e minuciosa.

Em seguida, aborda as dimensões espacial e temporal do poder disciplinar. A dimensão espacial está relacionada à organização dos indivíduos em um espaço controlado, estruturado para maximizar a vigilância e o controle. A noção de "quadriculamento", como descrita por Foucault, é essencial para compreender como o poder disciplinar se exerce através da distribuição ordenada dos corpos no espaço. Já a dimensão temporal envolve o controle e a organização do tempo, de modo a otimizar o rendimento e a produtividade dos indivíduos, seja no contexto escolar, fabril ou institucional.

O capítulo também explorará a norma, vista por Foucault como um mecanismo central do poder disciplinar, pois estabelece padrões de comportamento e regula a vida dos indivíduos de acordo com certos critérios de normalidade. Nesse sentido, a norma atua em conjunto com outros dispositivos de poder para moldar corpo do indivíduo.

Além disso, discutimos a vigilância hierárquica, um dos elementos centrais do poder disciplinar, cuja função é manter os indivíduos sob constante observação,

assegurando que suas ações se alinhem aos padrões estabelecidos. Esse tipo de vigilância é ilustrado pelo conceito do Panóptico, uma estrutura arquitetônica idealizada por Jeremy Bentham. Filósofo, jurista e reformador social inglês, Bentham ficou conhecido como fundador do utilitarismo, defendendo a ideia de que as ações devem buscar o bem-estar do maior número de pessoas. Em sua concepção original, o Panóptico era um modelo projetado para instituições como prisões, permitindo que um único observador controlasse os detentos sem ser visto. Foucault adota essa estrutura como símbolo para o poder disciplinar, expandindo-a para o conceito de 'panoptismo': um princípio de controle social que transcende a arquitetura e atua como dispositivo de regulação e vigilância em instituições modernas, como escolas, hospitais e fábricas.

Será analisado o Exame, como um instrumento essencial no exercício do poder disciplinar. Foucault descreve o exame como uma técnica que une vigilância e avaliação, sendo essencial para a normalização dos indivíduos. O exame não apenas observa, mas também categoriza e julga, criando uma hierarquia de conhecimento e comportamento. Por fim, discutirá o conceito de Panóptico, apresentado como um símbolo central para compreender a lógica de vigilância e controle na sociedade moderna, destacando o funcionamento e a abrangência do panoptismo. Com essa estrutura, o segundo capítulo busca fornecer uma visão abrangente dos mecanismos e dispositivos que constituem o poder disciplinar na análise foucaultiana, evidenciando sua capacidade de regular, normatizar e controlar os corpos e comportamentos na sociedade moderna.

## 1 A ANALÍTICA DO PODER EM FOUCAULT

*“O poder, para Foucault, é o lugar do embate, da guerra.  
Submetidos a ele, há toda uma produção de sujeitos  
dóceis, formatados, inofensivos politicamente conformistas.  
Não se trata de domesticar apenas o corpo,  
mas a alma, a subjetividade”*  
- José Ternes<sup>1</sup>

Este capítulo inicia o presente trabalho com a intenção de explorar detalhadamente o conceito de poder. Abordaremos inicialmente os contratualistas e suas teses fundamentais sobre o poder, dialogando com as contribuições de autores clássicos como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Esses pensadores estabeleceram as bases do pensamento político moderno, cada um apresentando uma visão distinta sobre a origem e a natureza do poder político e social. Em seguida, destacaremos os pontos de divergência entre a concepção de poder de Foucault e as teorias dos contratualistas, analisando como Foucault questiona e reformula os pressupostos tradicionais. Discutiremos também a concepção comum de poder presente tanto no senso comum quanto na modernidade, que há um contraste entre visões com as ideias dos autores mencionados. Além disso, faremos referência a outros filósofos que também contribuíram significativamente para a discussão sobre o poder, ampliando nosso entendimento do tema. Finalmente, apresentaremos a visão de Foucault sobre o poder culminando em uma discussão aprofundada sobre o poder disciplinar e suas implicações na sociedade contemporânea.

### 1.1 O CONCEITO DE PODER E OS CONTRATUALISTAS

De acordo com a etimologia da palavra, “poder” deriva do latim *potere*, evoluindo para termos como *possum*, *potes* e *posse* (Schaal, 1994, p. 8). A palavra “poder” pode ser usada em diferentes conotações e áreas do conhecimento, especialmente a partir da Modernidade: poder social, poder econômico, poder militar, poder político, entre outros. O poder social refere-se à capacidade de influenciar o comportamento das pessoas dentro de uma sociedade. O poder econômico está

---

<sup>1</sup> O trecho faz parte da entrevista, realizada pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos IHU On-Line, com Professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, José Ternes em 15-04-2010

relacionado ao controle dos recursos e à capacidade de influenciar mercados e economias. O poder militar diz respeito à força armada e à capacidade de um estado ou organização de defender-se ou impor sua vontade através da violência ou ameaça de violência. O poder político, por sua vez, envolve a autoridade e a legitimidade de governar, criar leis e políticas, e administrar um território ou população. Para entendermos o conceito de poder na modernidade, estudaremos as contribuições de filósofos como Locke, Rousseau e Hobbes, que abordaram as bases do poder político e social em suas obras. Suas teorias formam a base do pensamento político moderno.

Com Hobbes início a discussão sobre o conceito de poder, ele enfatiza que o Poder absoluto é o Estado Hobbes considera o poder do soberano como o supremo. Esse poder é constituído pela união dos poderes de vários homens em uma única pessoa natural e civil. Diz Hobbes sobre o soberano: “Dado que o soberano está encarregado dos fins, que são a paz e a defesa comuns, entende-se que ele possui o poder de usar aqueles meios que considerar mais adequados para o seu propósito” (Hobbes, 2003, p. 153). O soberano, então, detém o poder absoluto para preservar a paz e a segurança comuns, utilizando quaisquer meios que julgue necessários para alcançar esses fins diz Hobbes: “[...] se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra: e uma guerra que é todos os homens contra todos os homens” (Hobbes, 1974, p. 79). Para Hobbes, a solução para o caos era a formação de um contrato no qual as pessoas concordavam em renunciar a certos direitos em troca de segurança e ordem. Esse contrato resultaria na criação de um soberano absoluto, o "Leviatã", que detinha todo o poder político e era responsável por garantir a paz e a estabilidade no capítulo XVII Hobbes elucida melhor essa ideia diz o autor:

A única maneira de erigir tal poder comum, capaz de defendê-los da invasão dos estrangeiros e das injúrias uns dos outros, e de assegurar-lhes, mediante suas próprias indústrias e mediante os frutos da terra, uma vida que seja, de algum modo, confortável, é conferir todo o seu poder e força a um homem ou a uma assembleia de homens que possa reduzir todas as suas vontades, por maioria de votos, a uma só vontade. E isso é mais do que consentimento ou concórdia; é uma verdadeira unidade de todos eles em uma e a mesma pessoa, feita por contrato de cada homem com cada homem (Hobbes, 1974, p. 147).

John Locke, um influente filósofo do século XVII, teve uma abordagem notável sobre o conceito de poder em sua obra política. Ele argumentava que o poder

legislativo deveria ser entendido como o direito de fazer leis, incluindo leis com penas de morte e outras penas menores, para a regulação e preservação da propriedade, e de empregar a força da comunidade na execução de tais leis e na defesa do Estado de agressões externas; e tudo isso apenas para o bem público. Segundo Locke, o governo não pode tirar de qualquer homem qualquer parte de sua propriedade sem seu próprio consentimento, que é dado ao formar uma sociedade civil e estabelecer um governo. Para Locke, o poder fundamental reside no povo, que consente em estabelecer um governo para proteger seus direitos naturais à vida, liberdade e propriedade. Locke propôs a divisão de poderes em legislativo, executivo e federativo, onde o legislativo cria as leis, o executivo as executa e o federativo lida com assuntos externos e de segurança. Esta divisão é crucial para evitar a concentração de poder e garantir a liberdade. Embora Locke não tenha separado o judiciário como um poder distinto, suas ideias influenciaram Montesquieu, que desenvolveu a tripartição clássica dos poderes. Locke foi um precursor do liberalismo clássico, e sua filosofia influenciou profundamente a formação dos Estados modernos e as noções contemporâneas de democracia e direitos humanos.

Jean-Jacques Rousseau, um filósofo iluminista do século XVIII, tinha uma visão distinta sobre o poder e sua origem na sociedade. Para Rousseau, o poder político legítimo deriva de um pacto social, onde os membros de uma comunidade concordam coletivamente em se submeter a uma autoridade comum em troca de proteção e preservação de certos direitos fundamentais. Este contrato é a base da soberania, que deve expressar a vontade geral da população. Em sua obra "Do Contrato Social", Rousseau deixa claro que, no estado de natureza, os seres humanos eram livres e iguais, mas a introdução da propriedade privada criou desigualdades e conflitos. As leis e a sociedade surgiram como formas de os ricos protegerem seus interesses, resultando na perda da liberdade natural e na emergência de um estado de guerra entre os ricos e os pobres. Para Rousseau, restaurar a liberdade e a igualdade requer um retorno à vontade geral, que representa os interesses comuns de todos, em vez dos interesses particulares de uma elite diz Rousseau:

Encontra-se, portanto, que a essência do corpo político está na concordância do pacto social, do qual a ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos os outros direitos. Esta convenção primordial, embora possa não ter sido diretamente expressa, é compreendida tacitamente por toda sociedade e constitui a base da associação social (Rousseau, 1973, p. 38.).

A legitimidade do poder, portanto, está na adesão voluntária e consciente ao pacto social, e qualquer forma de poder que se desvie disso é considerada usurpada e ilegítima. As ideias de Rousseau foram fundamentais para o desenvolvimento do pensamento democrático e influenciaram revoluções e teorias políticas posteriores. Após esta análise, exploraremos como outros contratualistas, como Hobbes e Locke, e Rousseau conceituaram o poder, para finalmente entender como Michel Foucault redefine o poder em uma perspectiva moderna.

As ideias contratualistas estudadas por Hobbes, Locke e Rousseau sobre o poder influenciaram profundamente o desenvolvimento do pensamento político moderno, incluindo a formação de governos democráticos e a compreensão dos direitos humanos. Embora todos compartilhem a noção de que o poder político deve ser exercido com base no consentimento dos governados, suas teorias apresentam diferenças significativas. Hobbes argumenta pela necessidade de um soberano absoluto para evitar o caos do estado de natureza, Locke defende a proteção dos direitos naturais e a separação de poderes como base para um governo legítimo, e Rousseau enfatiza a vontade geral como a fonte da soberania, buscando restaurar a liberdade e a igualdade através de um contrato social que expressa os interesses comuns de todos. Essas variações refletem as diversas maneiras pelas quais o contratualismo moldou o pensamento político e as estruturas de governança contemporâneas.

## 1.2 O CONCEITO DE PODER EM FOUCAULT

O ponto de divergência fundamental entre Foucault e os contratualistas reside na concepção do exercício do poder. Enquanto os contratualistas, como Hobbes, Locke e Rousseau, tendem a ver o poder como algo exercido de maneira explícita e deliberada, Foucault propõe uma visão mais complexa e difusa do poder. Em "Em Defesa da Sociedade" (1976), Ele afirma:

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que so funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não so os indivíduos circulam, mas esmo sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exerce-lo. Jamais eles são alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras

palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (Foucault, 2005, p. 35).

Essa visão descentralizada e difusa do poder implica que a resistência e a mudança são possíveis em muitos níveis diferentes e de várias formas. Ao invés de atacar um centro de poder claramente definido, Foucault sugere que a transformação social pode ocorrer através da alteração das inúmeras relações de poder que compõem a rede social. Portanto, entender o poder como Foucault propõe é reconhecer a complexidade das estruturas sociais e a capacidade de cada indivíduo de participar ativamente na forma como o poder é exercido e contestado na sociedade. Portanto os contratualistas, concebiam o poder como uma estrutura centralizada e explícita (geralmente associada ao Estado).

Essa diluição do poder foi o que podemos dizer o marco na filosofia de Foucault foi o movimento do Macro para Micro. “Os poderes são exercidos em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e nesse complexo os micropoderes existem integrados ou não ao Estado, distinção que não foi muito relevante ou decisiva para a orientação das análises” (Machado, 2006, p. 121).

Foucault inicia seu estudo sobre o poder com a aula inaugural “A Ordem do Discurso” em 1970 no *Collège de France*. Nesta obra, Foucault analisa os discursos, discutindo a natureza do discurso, seu papel na sociedade e como ele é utilizado para exercer poder e controle. Ele estuda como certas formas de discurso são legitimadas e autorizadas, enquanto outras são marginalizadas ou silenciadas. Esta obra marca uma transição em seu pensamento, da abordagem arqueológica, focada na análise das estruturas discursivas, para a abordagem genealógica, que examina como as relações de poder moldam os discursos, práticas e instituições ao longo do tempo. Ele explora em profundidade em “Vigiar e Punir” e na série “A História da Sexualidade”.

Se sairmos às ruas perguntando para as pessoas o que é o poder, provavelmente obteremos respostas variadas como: “é o chefe que domina”, “exercer influência sobre outras pessoas”, “autoridade”, “são os homens do governo”, “liderança”, “está em Brasília”, “é diferente de querer”, “comando”, “desejo de ser mais do que o outro”. Essas respostas refletem a compreensão do senso comum sobre o poder. No entanto, é importante distinguir essas percepções populares das análises teóricas mais complexas. Sob olhar de Marx poder são frequentemente resumidas pela ideia de que o poder reside nas mãos daqueles que controlam os meios de produção, ou seja, a classe dominante diz ele no “Manifesto Comunista”: “O Poder

Executivo do Estado moderno não passa de um comitê para gerenciar os negócios comuns de toda a burguesia” (Marx, 2021, p. 28). Segundo Karl Marx, a estrutura econômica de uma sociedade (a base) determina suas superestruturas políticas e ideológicas<sup>2</sup>. O poder, para Marx, é fundamentalmente sobre a dominação de uma classe sobre outra e a perpetuação das relações de produção capitalistas<sup>3</sup>. Michel Foucault, por outro lado, oferece uma análise mais difusa e capilar do poder. Ele não vê o poder apenas como algo que emana de uma classe dominante, mas como algo que está presente em todas as relações sociais. Para ele, o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, criando normas e conhecimentos que estruturam a sociedade. Foucault refuta a ideia de que o poder é meramente negativo e destrutivo, destacando sua capacidade de gerar saberes e controlar através de mecanismos sutis e difundidos.

Ao abordar a filosofia de Foucault sobre o poder, é crucial reconhecer que ele não buscou conceituar o poder de maneira tradicional, como outros pensadores, mas sim desenvolver uma "análise do poder". Foucault investigou o poder através de suas práticas e efeitos históricos, sem oferecer uma teoria unificada. Segundo Edgardo Castro em "Vocabulário de Foucault" (2009):

[..] Foucault não escreveu uma teoria do poder, se por teoria entendemos uma exposição sistemática. Antes, o que encontramos é uma série de análises, em grande parte históricas, acerca do funcionamento do poder. Apesar disso, é possível oferecer uma reconstrução articulada dessas análises. Isso constitui um esboço da filosofia política de Foucault ou, para utilizar uma expressão dele, de uma "filosofia analítica do poder" (Castro, 2009, p. 322).

Foucault contribuiu com uma compreensão detalhada de como o poder opera através de instituições, discursos e práticas sociais, oferecendo uma visão multifacetada e histórica de suas operações. Em vez de fornecer uma definição clara e sistemática, suas análises investigam as dinâmicas e táticas do poder em diferentes contextos. Quando Foucault propõe uma 'análise do poder', e não um 'conceito de poder', ele rompe com uma tradição na filosofia, ele tira o peso de formular o conceito,

---

<sup>2</sup> A referência para a afirmação de que a estrutura econômica de uma sociedade (a base) determina suas superestruturas políticas e ideológicas é encontrada na obra "Para a Crítica da Economia Política" (1859) de Karl Marx. No prefácio desta obra, Marx descreve como a base econômica influencia a superestrutura.

<sup>3</sup> Marx, Karl, e Friedrich Engels. *Manifest der Kommunistischen Partei* (1848). Marx descreve a luta de classes na sociedade capitalista e como o proletariado acabaria tomando o poder das elites dominantes em todo o mundo.

para análise. Em “História da Sexualidade Volume 1”, Foucault elucida sua pretensão sobre o poder diz ele: “Ora, parece-me que essa analítica só pode ser constituída fazendo tábula rasa e liberando-se de uma certa representação do poder. [...] É preciso construir uma analítica do poder que não tome mais o direito como modelo e código” (Foucault, 1999, p. 79, 86). Como uma base analítica Foucault explora a dinâmica do poder de maneira mais detalhada e contextualizada. Em vez de perguntar “o que é o poder?”, Foucault pergunta “como o poder funciona?” e “como ele se manifesta nas relações sociais?”. Isso permite uma compreensão mais nuançada e prática do poder.

Em “Microfísica do poder”<sup>4</sup>, onde Foucault é entrevistado por Deleuze, ele expõe como o poder é exercido de maneira concreta e prática. Isso reflete seu interesse em entender o poder não como uma entidade fixa, mas como algo que é continuamente produzido e reproduzido através de relações sociais, diz Foucault:

O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais íntimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente “justificado”, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (Foucault, 1993, p. 73).

Michel Foucault argumenta que o poder nas prisões é explícito e brutal, mas é apresentado como uma força do bem que impõe ordem sobre o caos. A moral sociedade está a favor dos sistemas prisionais. Esta visão é parte de uma crítica maior de Foucault sobre como as sociedades disciplinares<sup>5</sup> exercem controle, não apenas reprimindo, mas também produzindo discursos e conhecimentos que sustentam suas operações e justificativas. Assim, as prisões se tornam um microcosmo onde o poder se manifesta de maneira concentrada e visível, revelando

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que esse livro não foi escrito precisamente escrito por Foucault, mas é uma coletânea de textos, entrevistas do autor dispersos em diversas épocas, e organizados por Alessandro Fontana, um filósofo e historiador italiano, conhecido por seu trabalho sobre a obra de Foucault. Fontana colaborou na edição e na organização dos escritos de Foucault, contribuindo significativamente para a disseminação e a compreensão do pensamento foucaultiano.

A edição brasileira de “Microfísica do Poder” foi organizada por Roberto Machado, um filósofo e professor brasileiro que é um dos principais estudiosos de Michel Foucault no Brasil. Roberto Machado desempenhou um papel crucial na introdução e disseminação do pensamento foucaultiano no contexto brasileiro.

<sup>5</sup> As sociedades disciplinares, segundo Michel Foucault, são sociedades caracterizadas pela organização e controle das pessoas através de uma série de técnicas e instituições que disciplinam o comportamento humano.

as dinâmicas de poder que operam em toda a sociedade. Ainda nesse texto é interessante como Foucault argumenta sobre sua pesquisa, sobre o poder, diz ele:

Esta dificuldade – nosso embaraço em encontrar as formas de luta adequadas – não virá de que ainda ignoramos o que é o poder? Afinal de contas, foi preciso esperar o século XIX para saber o que era a exploração, mas talvez ainda não se saiba o que é o poder. E Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder (Foucault, 1993, p. 75).

Foucault está questionando nossa compreensão do poder, ressaltando que, apesar dos avanços teóricos no entendimento das dinâmicas sociais e psíquicas por parte de pensadores como Marx e Freud, o poder ainda permanece uma instituição difícil de definir e entender completamente. Portanto, Foucault sugere que precisamos desenvolver novas formas de pensamento e análise para realmente captar a essência do poder e, conseqüentemente, encontrar formas mais eficazes de resistência<sup>6</sup>.

Michel Foucault estava particularmente interessado em como o poder conecta com o saber e ele acreditava que os dois estão intrinsecamente ligados. Ele cunhou o termo "poder/saber" para representar a maneira como o poder e o conhecimento interagem e se reforçam mutuamente. Foucault não via o poder como necessariamente repressivo, mas como algo que pode ser tanto positivo quanto negativo. Ter apenas uma visão negativa do poder, segundo Foucault, é incorreto. Roberto Machado, na introdução de "Microfísica do Poder," destaca essa positividade do poder, afirmando: "O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano" (Machado, 1993, p. XVI). Machado reitera essa ideia em "Foucault, a ciência e o saber":

O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato de ele ter como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo (Machado, 1993, p. 124-125).

---

<sup>6</sup> Foucault vê o poder como algo que não é apenas repressivo, mas também produtivo. Ele não só impede e limita, mas também cria realidades, produz conhecimentos e formas de ser. Dentro dessa rede complexa de relações de poder, a resistência emerge como uma resposta inerente e indissociável.

Portanto, Foucault recusa-se a identificar o poder apenas como um dispositivo<sup>7</sup> opressor ou repressor. Para ele, o poder é uma realidade produtiva que modela comportamentos e cria novas formas de subjetividade e prática social. Podemos dizer que a análise de Foucault sobre o poder é complexa e multifacetada. Ela não se limita às relações de dominação e submissão, mas também abrange as formas de resistência e as dinâmicas de controle social. Ele nos convida a repensar o poder não como uma entidade centralizada, mas como uma rede de relações e dispositivos o que ele chama de "microfísica do poder" que operam de maneira sutil e muitas vezes imperceptível.

Dentro da temática do poder, os textos de Foucault de 1972 a 1975 exploram o conceito de poder nas sociedades disciplinares. Estas últimas são caracterizadas por uma forma específica de poder, conhecida como poder disciplinar, que se manifesta em instituições como escolas, hospitais, prisões e fábricas. A trajetória de pesquisa de Foucault inaugura uma análise detalhada desse tipo de poder, especialmente destacada em sua obra "Vigiar e Punir" (1975). Agora, encaminhamos para a análise mais aprofundada do poder disciplinar em Foucault, como proposto tema do presente trabalho.

---

<sup>7</sup> Foucault define um dispositivo como um conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, arquiteturas, decisões reguladoras, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em resumo, trata-se de uma rede que pode ser tanto discursiva quanto não discursiva.

## 2 O PODER DISCIPLINAR E SUAS PRÁTICAS DISCIPLINARES

*A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.*  
- Foucault.

Este capítulo se inicia com a discussão sobre o poder disciplinar e suas nuances na sociedade moderna. Exploraremos o poder disciplinar, a ideia dos 'corpos dóceis' e os elementos que o fundamentam o poder disciplinar: o controle do espaço e do tempo, a vigilância, a norma e o Panóptico, considerados os pilares fundamentais do poder disciplinar. Cada um desses elementos será abordado em detalhes em seções específicas, proporcionando uma compreensão aprofundada de como sustentam a dinâmica do poder disciplinar. Além disso, analisaremos os mecanismos pelos quais as instituições moldam comportamentos e mantêm a ordem. Ao final deste capítulo, espera-se que o leitor tenha uma visão abrangente e detalhada do funcionamento e das implicações do poder disciplinar na sociedade contemporânea.

### 2.1 A ANALÍTICA DO PODER DISCIPLINAR

Se abordarmos o tema do poder disciplinar em um contexto jornalístico, ao entrevistar pessoas nas ruas, é provável que algumas expressem confusão ou falta de compreensão em relação ao termo. Em termos mais formais e explicativos, o poder disciplinar refere-se a um mecanismo de controle que atua sobre os indivíduos, orientando e modelando seus comportamentos de acordo com normas e regras predefinidas. A complexidade do conceito pode gerar confusão para alguns, mas o presente tópico vai buscar esclarecer detalhadamente o significado e a aplicação do poder disciplinar, fornecendo uma análise minuciosa e acessível.

Primeiro ponto importante é situar-se em qual obra Michel Foucault detalhou sobre poder disciplinar. Como já foi dito a questão do poder em Foucault faz parte da segunda fase do pensamento, nessa fase uma obra se destacou, foi “Vigiar e Punir” seu título original: “*Surveiller et Punir: Naissance de la prison*”, sua primeira publicação foi no dia 1 de fevereiro de 1975, a obra é um estudo histórico, sobre a evolução histórica da legislação penal e respectivos modos e meios coercitivos e punitivos adotados pelo poder público na repressão da criminalidade, desde os séculos passados até as modernas instituições correcionais, a obra é dividida em quatro

partes com seguintes títulos: a primeira parte o suplício, a segunda parte a punição, a terceira parte a disciplina e a quarta parte a prisão, em cada parte se divide em capítulos.

Iniciando a discussão sobre o poder disciplinar, é interessante recorrer à obra "Microfísica do Poder" (1979) de Michel Foucault de início. Embora esta obra não se dedique exclusivamente ao poder disciplinar, ela contém trechos fundamentais para a compreensão desse conceito. Foucault nos apresenta uma definição crucial, afirmando:

Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar. Indescritível nos termos da teoria da soberania, radicalmente heterogêneo, o poder disciplinar (Foucault, 1993, p. 188).

O trecho citado dá-nos a entender que o poder disciplinar tem uma origem específica, surgindo de algum lugar como “uma das grandes invenções da sociedade burguesa” (Foucault, 1993). No entanto, Foucault argumenta que o poder disciplinar não é uma invenção exclusiva da sociedade burguesa, mas uma prática que evoluiu gradualmente e se consolidou em diversas instituições ao longo do tempo. O desenvolvimento do capitalismo e a ascensão da sociedade burguesa aceleraram e intensificaram essas práticas. Para Foucault, a sociedade burguesa trouxe consigo novas formas de organização social, produção e controle, que se baseavam e expandiam as técnicas disciplinares já existentes. Essa "invenção" do poder disciplinar, na visão de Foucault, reflete a necessidade da sociedade burguesa de moldar os indivíduos de acordo com as demandas do capitalismo emergente, criando novas formas de sujeição e controle.

Segundo ponto é entender as sociedades disciplinares, o discurso predominante e a necessidade de moldar os corpos de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade. Foucault analisa como o corpo supliciado se tornou paradoxalmente o corpo útil. Como foi esse movimento que o corpo se tornou útil? Na primeira parte da sua obra Foucault trata do suplicio do corpo, que na Idade Média, até o século XVIII era o método de punição, essa prática que naquele contexto histórico era visto como uma atração para o público, diz Foucault:

O suplício é uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei. Uma pena, para ser um suplício, deve obedecer a três critérios principais: em primeiro lugar, produzir uma certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos apreciar, comparar e hierarquizar; a morte é um suplício na medida em que ela não é simplesmente a privação do direito e viver, mas a ocasião e o termo final de uma graduação calculada de sofrimento: desde a decapitação - que reduz todos os sofrimentos a só gesto num instante: o grau zero do suplício - até o esquartejamento que os leva quase o infinito, através do enforcamento, da fogueira e da roda na qual se agoniza muito tempo: a morte-suplício é a arte de reter a vida no sofrimento, subdividindo-se em “mil mortes” e obtendo, antes de cessar a existência, *the most exquisite agonie*. O suplício repousa na arte quantitativa de sofrimento (Foucault, 2002, p. 31).

Foucault argumenta que o suplício não é apenas uma manifestação de raiva ou violência descontrolada, mas uma técnica calculada e metódica de infligir dor e sofrimento. Ele destaca que o suplício deve ser entendido como uma prática ritualizada e pública que demonstra o poder do soberano sobre o corpo do condenado. Para ser considerado um suplício, o ato deve cumprir certos critérios: ele deve produzir uma quantidade mensurável de sofrimento, dramatizar essa dor de maneira pública para servir como um espetáculo e reafirmar a autoridade do soberano através da punição física. A morte, nesse contexto, não é apenas o fim da vida, mas parte de uma sequência de sofrimento destinada a exibir o controle absoluto do soberano sobre seus súditos. O suplício, portanto, é uma demonstração ritualizada do poder que visa tanto punir o condenado quanto dissuadir a população através do medo e da espetacularização da punição.

A reflexão de Foucault sobre o suplício nos permite entender melhor a evolução das práticas punitivas e a transição para sistemas penais modernos, onde a punição se tornou menos visível e mais focada na reabilitação do que na retribuição. Nesse contexto o sujeito condenado precisava passar por isso tudo para no fim chegar à purificação, mas claro na perspectiva metafísica, ou seja, o suplício do corpo, tendo a motivação legal de salvação da alma do condenado. No século XVIII, com o advento do Iluminismo e a valorização da Razão, o corpo do sujeito começou a ser visto sob uma nova perspectiva. Michel Foucault argumenta que, neste período, o corpo passou a ser percebido como uma peça fundamental e útil, especialmente no contexto das sociedades disciplinares que emergiram com o desenvolvimento do capitalismo industrial. O corpo não era apenas um objeto de controle e punição, mas também uma entidade a ser treinada, monitorada e otimizada para maximizar a produtividade e a eficiência. Portanto essa transição reflete a mudança das práticas punitivas centradas

no corpo e na exibição pública de dor para métodos disciplinares que operam por meio da vigilância, normalização e regulação dos corpos e comportamentos. Foucault argumenta que essa mudança é característica da ascensão das sociedades disciplinares modernas, nas quais o controle sobre os corpos se torna mais internalizado e difuso.

Partindo para a próxima discussão, abordaremos a questão dos "corpos dóceis". Analisaremos como o poder disciplinar afeta o corpo do indivíduo e sua subjetividade, explorando os efeitos dessas técnicas de controle sobre a construção da identidade e a conformidade social.

## 2.2 A IDEIA DOS 'CORPOS DÓCEIS'

O que é um corpo dócil? Na filosofia de Foucault, corpos dóceis são aqueles que podem ser moldados, treinados e controlados por meio de técnicas disciplinares, de forma a torná-los mais úteis e eficientes para cumprir determinadas funções. Como o autor argumenta: "O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e recompõe" (Foucault, 2014, p. 135). Portanto, o corpo dócil não é simplesmente um corpo que aceita tudo sem reclamar, mas um corpo que é transformado e disciplinado para se adequar aos objetivos das instituições sociais, como escolas, fábricas e quartéis.

O conceito de "corpo útil" surge quando essas práticas disciplinares conseguem moldar o corpo de modo a maximizar sua produtividade. Para tornar o corpo útil, ele precisa ser submetido a técnicas de adestramento e controle, que organizam tanto suas capacidades físicas quanto seus comportamentos. Instituições como quartéis, escolas e fábricas são exemplos de lugares onde essas práticas se manifestam de forma sistemática, moldando os indivíduos para se tornarem instrumentos eficazes dentro de uma lógica produtiva e social.

Foucault usa a figura do soldado como um exemplo de corpo dócil por sua capacidade de obedecer rigorosamente e seguir as ordens de seus superiores, resultado das práticas de disciplina militar. Ele explica que:

"O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas — essencialmente lutando — as

manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra" (Foucault, 2002, p. 117).

Neste contexto, a disciplina militar não apenas reforça qualidades inatas como coragem e vigor, mas, sobretudo, cria e impõe essas qualidades através de técnicas de adestramento que tornam o corpo uma ferramenta de guerra funcional e produtiva. O soldado não nasce com essas características; ele as adquire através de um processo de disciplinarização que molda seu corpo e comportamento para responder às demandas do poder disciplinar.

A docilidade do corpo implica em uma capacidade de ser dirigido, treinado e utilizado de forma metódica e eficaz. Portanto, a principal função do soldado vai além de seguir comandos sem questionar; trata-se de uma conformidade total a um sistema disciplinar que visa maximizar a utilidade do corpo. A ideia de que "foi expulso o camponês e lhe foi dada a fisionomia de soldado" (Foucault, 2002, p. 118) ilustra como a disciplina militar transforma e aperfeiçoa o corpo, tornando-o apto para servir aos interesses das instituições de poder. Este conceito é central para compreender como instituições disciplinares, como o exército, operam para criar e manter corpos que são não apenas obedientes, mas também altamente eficientes e controlados.

Para uma melhor compreensão, recorreremos ao que Roberto Machado diz em sua obra "Foucault, a ciência e o saber". Sobre a disciplina e os corpos dóceis, Machado afirma:

Foi esse tipo específico de poder que Foucault chamou de "disciplina" ou "poder disciplinar". É importante notar que a disciplina nem é um aparelho de Estado, nem uma instituição: ela funciona como uma rede que os atravessa sem se limitar a suas fronteiras; é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder; são "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade (Machado, p. 124).

A disciplina sujeita os indivíduos ao controle contínuo, transformando-os em corpos "dóceis", ou seja, corpos que podem ser facilmente dirigidos, treinados e utilizados para fins produtivos e econômicos. A relação de "docilidade-utilidade" implica que, ao tornar os indivíduos mais dóceis, a disciplina também os torna mais úteis para a sociedade em termos de produtividade.

Ao aprofundar na obra de Foucault, encontramos uma definição clara sobre a noção de "corpos dóceis" e a ideia de "docilidade", que diz respeito a corpos

constantemente sujeitos a técnicas de manipulação, transformação e aperfeiçoamento. Foucault define os corpos dóceis como:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 2002, p. 118).

A "novidade" que Foucault aponta sobre os "esquemas de docilidade" do século XVIII reside no modo específico como o poder disciplinar é exercido sobre os corpos. Embora o corpo humano sempre tenha sido objeto de controle e restrições, a inovação no século XVIII está na sistematização e na aplicação meticulosa das técnicas disciplinares que moldam os corpos para torná-los mais úteis e eficientes. Portanto, a novidade está no surgimento de um conjunto de técnicas disciplinares que transformam o corpo em um 'corpo dócil', capaz de ser submetido, transformado e aperfeiçoado de acordo com os interesses e as necessidades da sociedade industrial e capitalista emergente. Essa forma de poder se caracteriza pela racionalização do controle corporal e pela eficiência no uso dos corpos como força de trabalho e objeto de conhecimento.

Nessa perspectiva, a docilidade não se refere apenas à submissão passiva, mas à capacidade do poder disciplinar de transformar o corpo em um recurso funcional e produtivo. Roberto Machado complementa essa análise ao explicar como, no contexto do capitalismo industrial, a disciplina corporal se torna uma ferramenta crucial:

“Enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista. Ligada à explosão demográfica do século XVIII e ao crescimento do aparelho de produção, a dominação política do corpo que ela realiza responde à necessidade de sua utilização racional, intensa, máxima, em termos econômicos. Mas, por outro lado — e isso é um aspecto bastante importante da análise —, o corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico do poder disciplinar” (Machado, p. 124).

As duas citações se complementam, fornecendo uma compreensão abrangente da transformação dos corpos em "corpos dóceis". Enquanto Foucault estabelece uma base teórica ampla, mostrando como a docilidade surge de práticas

disciplinares que transcendem os contextos econômicos, Machado aplica essa teoria ao desenvolvimento histórico e econômico do capitalismo, ilustrando como a disciplina foi essencial para transformar corpos em recursos produtivos e adaptáveis às necessidades do sistema industrial. Dessa forma, a moldagem dos corpos não apenas responde a demandas econômicas, mas também se insere em um sistema de controle social que permeia diferentes esferas da vida cotidiana.

Foucault, ao tratar dos 'corpos dóceis' em "Vigiar e Punir", faz referência à obra "O Homem-máquina" de La Mettrie. Para enriquecer o presente trabalho, é útil destacar a obra de La Mettrie e compará-la com a de Foucault. Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) foi um filósofo e médico francês conhecido por suas ideias materialistas e ateístas, que desafiavam as concepções religiosas e filosóficas predominantes de sua época. Em sua obra principal, "*L'Homme Machine*" (1747), La Mettrie argumenta que o corpo humano funciona como uma máquina, sem necessidade de uma alma ou elementos metafísicos:

[...] homem máquina de La Mettrie, pode-se concluir que em contraposição a res cogitans de Descartes e todos que tinham a alma como princípio de pensamento e de movimento, percebe-se que para o médico Francês todo o pensamento, sentimento e todo o movimento que o homem produz, todas estas atividades são frutos do seu próprio corpo (Fernandes, 2014, p 85).

As obras 'Vigiar e Punir' de Foucault e 'O Homem-máquina' de La Mettrie compartilham um interesse comum no corpo humano, mas abordam-no de maneiras diferentes. La Mettrie adota uma perspectiva materialista tradicional, propondo que o corpo humano funciona como uma máquina. Foucault, por outro lado, analisa como as instituições disciplinam e controlam o corpo para servir aos interesses do poder, oferecendo uma visão sociopolítica da docilidade corporal. Ambas descrevem como o corpo pode ser manipulado e controlado por meio de técnicas e disciplinas. Foucault explora como as instituições sociais moldam os 'corpos dóceis' para manter a ordem e o controle social, enquanto La Mettrie argumenta que o corpo humano opera de maneira mecânica, sem a necessidade de uma alma ou de intervenções divinas. Essa comparação ilustra a continuidade do pensamento materialista desde o século XVIII até o século XX. Enquanto La Mettrie aborda o corpo de uma perspectiva biológica e mecanicista, Foucault se concentra nas implicações sociais e institucionais do controle sobre o corpo.

Contudo, a ideia dos 'corpos dóceis' está fundamentada na interseção de vários conceitos, incluindo docilidade, utilidade, disciplina, vigilância e a economia das forças corporais. Foucault mostra como técnicas disciplinares tornam os corpos dóceis, o que os faz mais úteis e produtivos dentro das estruturas de poder e economia. A utilidade refere-se ao valor econômico do corpo, ou seja, à capacidade do corpo humano de ser produtivo e eficiente economicamente, enquanto a docilidade se relaciona à obediência e conformidade política. Segundo Foucault, um corpo dócil é aquele que pode ser facilmente submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado para servir aos interesses do poder. Diz Foucault: "A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: dissocia o poder do corpo" (Foucault, 2002, p.119).

Após explorar como o poder disciplinar atua sobre os corpos para torná-los dóceis e úteis, é crucial compreender que essa docilidade não se sustenta apenas no controle direto sobre o corpo. Ela também depende de uma organização espacial detalhada e de uma regulação precisa do tempo. A criação de 'corpos dóceis' exige uma estruturação do espaço físico e um rigoroso controle temporal que garantam a vigilância contínua e a eficiência máxima das atividades. Essa relação entre corpo, espaço e tempo é o que fundamenta o funcionamento do poder disciplinar em instituições como escolas, fábricas, hospitais e prisões

### 2.3 A DIMENSÃO ESPACIAL DO PODER.

A análise da dimensão espacial é um dos primeiros passos para compreender os pilares do poder disciplinar no pensamento foucaultiano. A disciplina, segundo Foucault, organiza os indivíduos em seus devidos lugares, semelhante a um tabuleiro de xadrez, onde cada peça ocupa uma posição específica. Foucault apresenta inicialmente dois modelos de espaços organizados: colégios e quartéis, aos quais ele posteriormente adiciona as fábricas. Esses exemplos demonstram como a disciplina requer que cada indivíduo esteja no lugar certo, desempenhando sua função para que a engrenagem social opere sem problemas. Sousa e Meneses com artigo intitulado "O Poder Disciplinar: uma leitura em Vigiar e Punir", são discutidas as técnicas disciplinares analisadas por Foucault, tais como o modelo disciplinar dos conventos e

a fila. Essas técnicas desempenham um papel crucial na organização espacial dos indivíduos em instituições como escolas, quartéis, hospitais e fábricas, garantindo a vigilância constante e o controle sobre os corpos. O artigo destaca a função dessas práticas ao afirmar:

A partir de então, a disciplina irá determinar as distribuições do indivíduo no espaço por meio de técnicas, como, por exemplo, o princípio de clausura e a fila. Tais técnicas são aplicadas em escolas, quartéis, hospitais e fábricas, permitindo observar e vigiar o indivíduo no espaço físico onde cada um se localiza (Sousa e Meneses, 2010, p. 26).

Foucault, por sua vez, faz uma comparação interessante entre conventos e fábricas, observando que '[...] o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como regime de educação, se não o mais frequente, pelo menos o mais perfeito' (Foucault, 2014, p. 139). Ele continua: 'A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada; o guardião "só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho"' (Foucault, 2014, p. 140). Ao tratar da dimensão espacial da disciplina, Foucault destaca quatro aspectos principais: primeiro, a semelhança entre conventos e outras instituições disciplinares; segundo, o conceito de 'quadriculamento', que envolve a divisão do espaço em unidades controláveis; terceiro, a organização funcional dos indivíduos em locais específicos para desempenhar suas funções; e por último, a disposição em fileiras, que reflete a necessidade de ordem e controle dentro do espaço disciplinar."

Foucault discute a ideia de 'quadriculamento', que envolve a organização espacial detalhada dos indivíduos: "Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias" (Foucault, 2014, p. 140). Essa estrutura espacial permite que o poder trate cada indivíduo de forma isolada, facilitando a aplicação da disciplina de maneira mais eficaz. A individualização não apenas melhora a vigilância, mas também permite que o poder conheça e controle os corpos de forma mais detalhada. A fragmentação dos indivíduos em espaços separados impede a formação de resistências coletivas, como greves ou revoluções, que poderiam desafiar a autoridade. Foucault afirma que o quadriculamento é um "[...] procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um

espaço analítico” (Foucault, 2014, p. 140). Onde cada indivíduo é observado e controlado em sua singularidade.

Na terceira e na quarta parte, Foucault argumenta sobre as localizações funcionais e as fileiras. A respeito das localizações funcionais, trata-se de um método de utilizar o espaço físico de maneira a possibilitar a vigilância minuciosa dos indivíduos, enquanto se cria, ao mesmo tempo, um espaço útil que proporciona privacidade. As localizações funcionais constituem um sistema que oferece ao indivíduo uma solidão para que a produção seja eficaz, mas, ao mesmo tempo, sendo constantemente vigiado. Foucault analisa que:

A regra das localizações funcionais vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil (Foucault, 2014, p. 141).

Portanto as localizações funcionais na dimensão do espaço disciplinar, com os seus métodos de vigilância e controle implicam e uma divisão minuciosa de espaços em subespaços conforme o número de indivíduos distribuídos. Segundo Sousa e Meneses no seu artigo “O Poder Disciplinar Uma leitura em Vigiar e punir”, diz que: “Com isso, o espaço deverá ser organizado de forma que priorize e privilegie as estratégias de vigilância e controle inerentes à instituição, seja escola, hospital, presídio, fábrica ou outra qualquer” (Meneses e Sousa, 2010, p. 27). Assim, “a determinação dos lugares atende à necessidade de vigilância e de rompimento de comunicações indesejáveis, mas, sobretudo, tem o intuito de criar um espaço útil” (Godinho, 1990, p 104).

A fila é um componente disciplinar, assim como os métodos que já foram mencionadas no presente trabalho. Foucault argumenta que: “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (Foucault, 2014, p. 143). A disciplina é vista como uma técnica que organiza os corpos em filas, simbolizando a ordem e o controle, a disciplina não apenas organiza, mas transforma os arranjos dos corpos, criando novas formas de interação e controle. Isso implica uma mudança contínua e adaptativa nas formas de organização. Foucault usa como exemplo os colégios jesuítas, de como são concisos

os seus métodos disciplinares e sua organização, que se baseava no modelo militar da Roma antiga, Foucault diz na obra:

Vejamos o exemplo da “classe”. Nos colégios dos jesuítas, encontrava-se ainda uma organização ao mesmo tempo binária e maciça: as classes, que podiam ter até duzentos ou trezentos alunos, eram divididas em grupos de dez; cada um desses grupos, com seu decurião, era colocado em um campo, o romano ou o cartaginês; a cada decúria correspondia uma decúria adversa. A forma geral era a da guerra e da rivalidade; o trabalho, o aprendizado, a classificação eram feitos sob a forma de justa, pela defrontação dos dois exércitos; a participação de cada aluno entrava nesse duelo geral; ele assegurava, por seu lado, a vitória ou as derrotas de um campo; e os alunos determinavam um lugar que correspondia à função de cada um e a seu valor de combatente no grupo unitário de sua decúria. Podemos notar aliás que essa comédia romana permitia associar aos exercícios binários da rivalidade, uma disposição espacial inspirada na legião, com suas fileiras, hierarquia e vigilância piramidal. Não esquecer que de um modo geral o modelo romano, na época das Luzes, desempenhou um duplo papel; em seu aspecto republicano, era a própria instituição da liberdade; em seu aspecto militar, era o esquema ideal da disciplina (Foucault, 2014. p. 143).

Eunice Maria Godinho, em sua tese de mestrado, na qual analisa a educação sob a perspectiva foucaultiana de poder, comenta:

Foucault toma a classe escolar para exemplificar. Mostra como a organização dos colégios jesuítas- baseada no modelo de organização militar romana, com a forma geral da guerra e da rivalidade, onde o aprendizado, o trabalho e a classificação eram operados por meio da justa e veículo ambíguo, tanto do ideal jurídico da cidadania quanto da técnica dos processos disciplinares - mudou, principalmente após 1762, superando a disciplinarização mímica da guerra e da justa. A ordenação por fileiras do séc. XVIII dá lugar à repartição dos indivíduos na ordem escolar. (Godinho, 1990, p. 105)

Eunice Maria Godinho explana sobre a análise de Foucault, destacando a transição na disposição das escolas jesuítas, onde a estrutura militar e competitiva cede lugar a uma ordenação mais disciplinada e funcional dos indivíduos, particularmente após 1762. Godinho cita como o modelo de organização militar foi superado por uma abordagem mais disciplinar e menos mimética. Godinho complementa a análise de Foucault ao contextualizar as mudanças que ocorreram nas práticas educativas, particularmente no que se refere ao abandono do modelo militar direto em favor de uma disciplinarização mais sofisticada e menos explícita. Foucault oferece a base teórica e histórica, enquanto a citação de Godinho adiciona uma camada de análise sobre a evolução dessas práticas ao longo do tempo. Assim, “[...] As fileiras transformam o espaço em que são individualizados os corpos de forma

organizada e homogênea, em uma ordem que além de localizá-los, os distribuem no espaço” (Meneses e Sousa, 2010, p. 27).

Foucault, em sua análise da dimensão espacial no poder disciplinar, destaca a criação dos chamados ‘quadros vivos’. Originalmente aplicado no contexto militar, este conceito descreve como a disciplina transforma multidões confusas em multiplicidades organizadas (Foucault, 2014, p. 145). Complementando essa visão, Siqueira observa que a disciplina organiza, controla e regula essas multiplicidades, construindo, assim, esses quadros vivos que são essenciais para o funcionamento das instituições disciplinares (Siqueira, 2024). Essas operações disciplinadoras demonstram a importância da organização e vigilância no exercício do poder disciplinar, oferecendo uma visão inicial, mas fundamental, para compreender a totalidade do controle disciplinar na sociedade. No próximo tópico, vamos mergulhar na dimensão temporal do poder disciplinar. Vamos explorar como a organização do tempo - horários rígidos, rotinas e cronogramas - é utilizada como uma ferramenta para impor disciplina e controle. Essa análise vai mostrar como o poder disciplinar se manifesta não apenas no espaço físico, mas também na gestão e regulação do tempo, afetando diretamente a rotina e o comportamento dos indivíduos nas instituições disciplinares.

#### 2.4 A DIMENSÃO TEMPORAL DO PODER DISCIPLINAR

Este tópico propõe uma análise da dimensão temporal no poder disciplinar. Foucault destaca a importância do controle do tempo como um elemento central na aplicação da disciplina. As exigências tais como acordar cedo, cumprir horários rígidos, evitar atrasos e elevar ao máximo a eficiência do tempo são práticas que refletem essa organização temporal. Frases como “tempo é dinheiro”, “tempo é valioso” se inserem no cotidiano como normas internalizadas que regulam comportamentos. Foucault observa que o controle do tempo é essencial para a eficácia disciplinar, exigindo corpos ágeis que realizem tarefas em tempos cada vez menores, refletindo a necessidade de maximização da produtividade.

Foucault explica que a aplicação sistemática do horário teve origem nos mosteiros e rapidamente se difundiu para escolas, oficinas e outros espaços. O tempo regulamentado e criterioso, uma herança dos religiosos, tornou-se um importante mecanismo do poder disciplinar na modernidade. Como Foucault afirma:

O horário: é uma velha herança. As comunidades monásticas haviam sem dúvida sugerido seu modelo estrito. Ele se difundiria rapidamente. Seus três grandes processos — estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição — muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais' (Foucault, 2014, p.146).

As indústrias e colégios foram as instituições que mais adotaram esses modelos sistemáticos de regulação temporal. Como observa Godinho: “[...] O refinamento da regularização temporal inclui a qualidade do tempo empregado na produção ou na aprendizagem por meio da fiscalização e do controle contínuos” (Godinho, 1990, p. 107). Essa regularização do tempo também encontra paralelo na análise de Marx sobre o tempo de trabalho em “O Capital”, onde ele afirma: “A própria quantidade de trabalho é medida por seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, seu padrão de medida em frações determinadas de tempo, como hora, dia etc” (Marx, 2013, p.161). As frações de tempo, como horas e dias, são então usadas para quantificar o trabalho usadas como método disciplinar adotadas pelos donos das fabricas.

A noção de 'tempo útil' é uma extensão natural do controle disciplinar discutido anteriormente. Assim como o 'espaço útil' temas fundamentais para evitar que multidões confusas se unam, o 'tempo útil' se refere à organização meticulosa do tempo para garantir a máxima eficiência. Essa organização inclui a separação dos indivíduos e a imposição de um controle constante, transformando o tempo em uma ferramenta de produtividade. Cada momento é cronometrado, desde o funcionário que chega pontualmente ao trabalho até o professor que segue estritamente seu plano de aula. Não há espaço para distrações, tudo é orientado para a aplicação rigorosa da disciplina. Como Foucault observa: “[...] controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil” (Foucault, 2014, p. 148). A decomposição do tempo e a análise detalhada do comportamento são vistas como métodos para otimizar o rendimento, alinhando o corpo e o gesto com o ato e o objeto. A exatidão, juntamente com a regularidade e a aplicação, são “as virtudes fundamentais do tempo disciplinar” (Foucault, 2014). Como Godinho também observa: “A garantia do tempo se dá pela aplicação do corpo ao exercício” (Godinho, 1990). Portanto, a dimensão temporal do poder disciplinar alcança seu maior êxito quando aplicada com exatidão e

regularidade, evitando distrações e transformando o tempo em um fator de utilidade máxima. No entanto, o controle do tempo e dos corpos não se sustenta sem uma vigilância meticulosa, que permite observar, registrar e corrigir desvios. É nesse contexto que surge o 'olhar hierárquico', um elemento essencial para a eficácia da disciplina, pois garante que nada escape à observação e ao controle. A seguir, examinaremos como essa vigilância hierárquica funciona e se organiza, revelando sua importância na constituição do poder disciplinar.

## 2.5 O OLHAR HIERÁRQUICO DO PODER DISCIPLINAR

É de suma importância destacar antes de aprofundar nos conceitos de "olhar hierárquico" e "norma" é que eles pertencem a capítulos distintos em "Vigiar e Punir." Enquanto "Os corpos dóceis" explora as técnicas utilizadas para adestrar os indivíduos, "Os recursos para o bom adestramento" aborda o uso da norma, do exame e da vigilância como ferramentas complementares para manter a ordem disciplinar. Foucault demonstra que a vigilância hierárquica não apenas permite o controle e a observação dos corpos, mas também contribui para a criação de normas que definem o que é considerado comportamento aceitável, reforçando o poder sobre os indivíduos. Essa distinção entre os capítulos é fundamental para entender como diferentes recursos operam em conjunto para sustentar a disciplina e o controle social.

Agora, chegamos a um ponto crucial para a compreensão do poder disciplinar: a vigilância hierárquica. Tendo explorado a organização espacial dos indivíduos e a importância do controle do tempo, passamos a examinar como a vigilância, através do olhar, da observação e da discricção, funciona como uma ferramenta fundamental de controle. Esses elementos serão discutidos em detalhe neste tópico, revelando como a vigilância se integra às outras dimensões do poder disciplinar. Neste tópico, discutiremos em detalhe três aspectos principais da vigilância hierárquica: o acampamento militar, a arquitetura disciplinar e os 'observadores'. Este último ponto, em particular, reflete um sistema de vigilância onde nada escapa ao olhar disciplinar.

O acampamento militar, aparece como o primeiro meio de exemplo para Foucault explicar sobre a vigilância hierárquica, o autor argumenta como modelo quase ideal de um mecanismo de poder que age na discricção, diz Foucault: "Esses "observatórios" têm um modelo quase ideal: o acampamento militar. É a cidade apressada e artificial, que se constrói e remodela quase à vontade" (Foucault, 2014,

p. 168). O acampamento militar é descrito como um modelo quase ideal de observatório<sup>8</sup>, como podemos observar Foucault usa os termos “quase ideal” e o “quase à vontade”, vimos que a palavra quase é repetida por duas vezes no argumento do autor. A palavra quase colocada em uma frase dar-nos a entender que algo é bom, mas não é perfeito falta algo, por exemplo nessa frase: “eu quase ganhei o jogo”, que dizer que faltou pouco para chegar ao verdadeiro objetivo que era ganhar o jogo, mas não ganhei, faltou algo. Então podemos entender o “quase” indica que existem limitações ou aspectos que não são perfeitos, existem dois fatores que podem explicar o fator “quase”, o primeiro possibilidade da resistência o que pode comprometer a eficácia do controle, segundo fator é a complexibilidade humana, a natureza humana por sua vez é complexa e imprevisível, o que pode dificultar a aplicação de um modelo de controle perfeito. Portanto embora o acampamento militar seja um modelo eficaz de observatório de poder, ele não é infalível.

A arquitetura disciplinar, segundo Foucault, marca uma mudança significativa: os grandes faustos dos palácios foram substituídos por estruturas mais simples, projetadas para implementar um controle não apenas externo, mas principalmente interno. Godinho argumenta que “desenvolve-se então, a problemática de uma arquitetura que não objetiva mais despertar admiração ou demonstrar riqueza e poder como nos palácios, nem vigiar o espaço exterior e guardar o espaço interior” (Godinho, 1990, p. 120). Esse movimento reflete uma transição de um poder visível e ostensivo para um controle mais discreto, mas igualmente eficaz, que opera através da organização do espaço interno. A partir da análise Foucault, entendemos o porquê os hospitais, prezam para uma arquitetura baseado transparência, na observância, através do vidros podemos ver tudo que o médico faz com seus paciente, ver uma cirurgia, um nascimento de uma criança, através da analítica de Foucault vimos a que arquitetura virou uma ferramenta da medicina moderna diz o auto:

Assim é que o hospital-edifício se organiza pouco a pouco como instrumento de ação médica: deve permitir que se possa observar bem os doentes, portanto, coordenar melhor os cuidados; a forma dos edifícios, pela cuidadosa separação dos doentes, deve impedir os contágios; a ventilação

---

<sup>8</sup> Em "observatórios", Foucault se refere a estruturas ou mecanismos de vigilância que são organizadas de maneira a permitir a supervisão constante e minuciosa dos indivíduos. A comparação com acampamentos militares enfatiza a disciplina e a ordem, onde a disposição espacial e a hierarquia facilitam a observação contínua. Esses "observatórios" podem ser físicos, como torres de vigia, ou podem ser mais abstratos, como sistemas de registro e controle. Eles são projetados para maximizar a eficiência da vigilância e assegurar que cada ação dos indivíduos possa ser monitorada e corrigida conforme necessário.

que se faz circular em torno de cada leito deve enfim evitar que os vapores deletérios se estagnem em volta do paciente, decompondo seus humores e multiplicando a doença por seus efeitos imediatos (Foucault, 2014, p. 169).

Foucault vê o hospital não apenas como um local de tratamento, mas como uma instituição que exerce poder e controle sobre os corpos dos pacientes através de sua organização espacial e práticas de vigilância. Ele enfatiza a importância da arquitetura e da gestão hospitalar na promoção da saúde e na prevenção de doenças, refletindo uma visão mais ampla da medicalização da sociedade. Foucault cita também, assim como os hospital-edifício, as escolas-edifício como operadoras disciplinares, dois modelos de estruturas que está no íntimo da sociedade as escolas e hospitais, a saúde e a educação, duas arquiteturas voltada para um fim útil, o adestramento dos corpos, “prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também aberturas para observação contínua. (Foucault, 2014, p. 169). A moralidade citada no trecho é usada como uma justificativa para implementar medidas de controle e vigilância. A ideia é que, ao estabelecer normas rígidas e separações entre os indivíduos, é possível manter a ordem moral e prevenir comportamentos considerados inaceitáveis, imorais ou desviantes, como a devassidão e a homossexualidade. Isso reflete uma preocupação com a manutenção da moralidade social. Portanto, a arquitetura, segundo Foucault, tornou-se uma ferramenta incisiva do poder disciplinar, agindo diretamente sobre os corpos de maneira implacável e rigorosa. Foucault descreve essa função da arquitetura como transmitindo “escrúpulos infinitos de vigilância por meio de mil dispositivos sem honra” (Foucault, 2014, p.170). Destacando como ela se insere na lógica do controle disciplinar de maneira insidiosa e impiedosa. Neste trabalho, a arquitetura será retomada mais adiante sob a perspectiva do Panóptico, aprofundando ainda mais sua função no controle e na vigilância.

Chegamos agora para terceira estância da vigilância hierárquica, os 'observadores', a função que ocupa é de extrema importância porque nela a disciplina toma-se forma, e vira o próprio indivíduo, um indivíduo especializado em observar e anotar todo movimento fora do que é estabelecido como fora do normal e passar para seus superiores, certamente os padrões não podiam estar em todos os lugares observando seus operários, assim como os diretores das escolas, não podem estar em todos arredores das escolas, necessita de olhares para assim ter um controle mais

amplo, dos seus observados. Quando criança até na adolescência, estamos dentro das instituições escolares, tem um professor, que ocupa o lugar de primeiro vigia, depois nos corredores, os inspetores e em última estância que ocupa o lugar da lei a diretoria, nas fabricas os inspetores de produção, responsável por vigiar seus companheiros de trabalhos, assim “vigiar se torna então uma função definida, mas deve parte integrante do processo de produção; deve duplica-lo em todo seu comprimento. Um pessoal especializado se torna indispensável constantemente presente, e distinto dos operários” (Foucault, 2014, p. 171). A vigilância é vista como uma função claramente definida dentro do processo de produção, segundo o autor não é algo secundário, mas um fator essencial para o funcionamento eficiente da produção. Outro aspecto que podemos ressaltar é o aspecto de totalidade e constância desses ‘observadores’, os ‘vigilantes’ outro termo que pode ser atribuído devem estar sempre presentes para garantir que o processo produtivo ocorra sem interrupções ou desvios. Dentro da perspectiva pedagógica, Foucault argumenta sobre a função dos ‘observadores’, mas com outra nomenclatura os submestre, sua função é “ensina a segurar a pena, guia a mão, corrige os erros e ao mesmo tempo “marca as faltas quando se discute”; outro submestre tem as mesmas tarefas na classe de leitura; o intendente que controla os outros” (Foucault, 2014, p. 173). Foucault usa o termo “submestre” para descrever uma figura de autoridade intermediária. Esse submestre tem a função de ensinar habilidades básicas, como segurar a pena e guiar a mão dos alunos. Ele corrige erros e marca faltas, desempenhando um papel crucial na formação e disciplina dos estudantes. Cada submestre tem tarefas específicas. Por exemplo, um submestre pode ser responsável pela escrita, enquanto outro cuida da leitura. Eles não apenas ensinam, mas também monitoram e corrigem constantemente, garantindo que os alunos sigam as regras e procedimentos estabelecidos. Portanto Foucault usa esses termos ‘observadores’, ‘vigilantes’, e ‘submestre’, para ilustrar como a vigilância e o controle são implementados em diferentes níveis dentro das instituições. Ele mostra como essas figuras de autoridade são essenciais para manter a ordem e a disciplina, refletindo a estrutura de poder e controle presente na sociedade.

A vigilância hierárquica desempenha um papel fundamental na estrutura do poder disciplinar, funcionando como um olhar constante em escolas, hospitais e prisões. Esse olhar é discreto e ininterrupto, operando como uma verdadeira 'máquina de vigilância'. Foucault destaca que “o poder na vigilância hierarquizada das

disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina” (Foucault, 2014, p. 174). Esse poder não é algo que se possui ou transfere, mas um mecanismo que funciona continuamente, tal como uma máquina, visando maximizar a eficiência e o controle sobre os corpos e comportamentos dos indivíduos. Foucault usa de comparação a palavra ‘máquina’ para exemplificar o poder disciplinar, isso é muito interessante porque as máquinas operam de maneira regular e previsível, o que é um objetivo do poder disciplinar. Cada indivíduo do sistema disciplinar tem uma função específica, trabalhando em conjunto para garantir a ordem e a produtividade. Assim, a vigilância hierárquica atua como um olhar central que se multiplica em vários olhares, utilizando o próprio indivíduo como ferramenta, assegurando uma vigilância eficaz, desempenhando um papel central na estrutura do poder disciplinar, funcionando como um olhar contínuo que se espalha por escolas, hospitais e prisões

A seguir, abordaremos o conceito da Norma, que funciona como um padrão de regras dentro de um sistema disciplinar mais amplo. A norma estabelece um micro sistema de punições e recompensas, regulando comportamentos com base nesse conjunto de regras.

## 2.6 A NORMA: ESTRUTURA DE PUNIÇÕES E RECOMPENSAS NO PODER DISCIPLINAR

A norma no sistema disciplinar representa a lei, mas não uma lei que o Estado maior impõe, ou seja, não uma lei no sentido macro, mas sim no micro em outras palavras seria “uma lei, dentro da lei”. Foucault fala de uma norma que regula os detalhes da vida cotidiana. Essas normas são diferentes das leis gerais do Estado, pois são mais detalhadas e específicas. As normas ajudam a internalizar a disciplina nos indivíduos. Ao seguir essas normas, os indivíduos se tornam autodisciplinados, conformando-se às expectativas da instituição sem a necessidade de coerção externa constante. As normas são mais flexíveis que as leis, permitindo que as instituições adaptem suas regras e procedimentos às necessidades específicas do momento e do contexto. Foucault usa essa distinção para mostrar como o poder disciplinar é mais sutil e penetrante do que o poder exercido através das leis do Estado. Assim a norma se infiltra nas práticas cotidianas e molda os comportamentos de maneira contínua e detalhada.

Foucault argumenta: “Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias” (Foucault, 2014 p. 175). Foucault analisa que no interior de todo sistema disciplinar, ou seja, nas escolas, nas fábricas e nas prisões, existe um pequeno mecanismo penal. Isso significa que a disciplina não é apenas sobre organização e eficiência, mas também sobre punição e controle. Esse mecanismo penal é responsável por regular e corrigir comportamentos desviantes dentro da instituição. As “leis próprias” dentro dos sistemas disciplinares são normas e regulamentos que governam o comportamento dos indivíduos. Essas leis segundo a análise de Foucault essas leis são criadas e aplicadas pela própria instituição, permitindo um controle mais direto e imediato sobre os indivíduos.

Foucault examina as normas não apenas como um conjunto de regras, mas também como um sistema de penalidades que age de forma minuciosa. Ele argumenta que essas micro penalidades operam no nível do cotidiano, movendo-se do macro para o micro:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo, é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações' (Foucault, 2014, p. 175).

Essas micro penalidades, segundo Godinho, não apenas reprimem grandes transgressões, mas atuam sobre os menores detalhes do comportamento individual, consolidando o controle disciplinar:

A esta micropenalidade correspondem punições que envolvem brandos castigos físicos, breves privações e pequenas humilhações. Este mecanismo disciplinar-penal vai tornar passível de punição as menores partes da conduta e vai dar uma função punitiva a quaisquer elementos do aparelho disciplinar' (Godinho, 1990, p. 126).

Godinho reflete que essa micropenalidade integra um mecanismo disciplinar que molda constantemente o comportamento em diversos aspectos da vida cotidiana. Ao punir pequenas infrações, a disciplina é internalizada de maneira eficaz,

transformando a vigilância e o controle em processos contínuos. A micropenalidade, portanto, demonstra como o poder disciplinar se fragmenta em pequenas doses, afetando profundamente a conduta dos indivíduos e reforçando a conformidade social.

A norma, segundo Foucault, exerce não apenas uma função punitiva, mas também uma função compensatória, ao recompensar aqueles que se adequam a ela com pequenos privilégios. No contexto escolar, essa compensação é evidente na figura do "aluno exemplar", aquele que obtém boas notas, segue rigorosamente as regras e evita comportamentos considerados indisciplinados. No entanto, a promoção de tais indivíduos cria uma divisão dentro do grupo, gerando uma competição interna que pressiona os demais a se ajustarem ao mesmo padrão. Foucault destaca que essa divisão classificatória, além de hierarquizar os comportamentos e aptidões, "tem um duplo papel: marcar os desvios [...], mas também castigar e recompensar" (Foucault, 2014, p. 178).

Essa estrutura de recompensas cria o efeito de uma pressão constante, levando os indivíduos a internalizarem a disciplina. A busca por reconhecimento e por evitar a exclusão social dentro da instituição promove uma conformidade generalizada. Nesse sentido Brito argumenta: "Nesse sistema de troca e recompensa, percebe-se que o aluno busca, por várias vezes, acertar para obter a nota. A finalidade do aprendizado torna-se, então, a nota e não o conhecimento" (Brito, 2014, p. 186). Brito sugere que o sistema educacional funciona como uma troca, onde os alunos são recompensados com notas por acertarem nas avaliações. Esse modelo pode incentivar os alunos a focarem mais em "acertar" do que em realmente entender o conteúdo. Como consequência, a escola não apenas molda as capacidades acadêmicas dos alunos, mas também opera como um espaço de controle disciplinar que divide, classifica, recompensa e homogeneiza. Foucault observa que, nesse processo, "todos são obrigados a se submeter ao mesmo modelo" (Foucault, 2014, p. 179), reforçando a ideia de que a norma, ao mesmo tempo que recompensa, homogeneiza o comportamento.

Portanto, a norma dentro do poder disciplinar funciona como um conjunto de pequenas leis internas que têm como principal objetivo a punição, a qualificação e a compensação. Essas leis atuam de maneira tão sutil que os próprios indivíduos acabam por internalizá-las, conformando-se às regras de forma quase automática. Assim, a norma se estabelece como um dos fatores centrais do poder disciplinar,

moldando o comportamento e a subjetividade dos indivíduos, ao mesmo tempo que garante a normalização e a aplicação contínua da disciplina.

No próximo tópico, abordaremos o Exame, uma prática que, segundo Foucault, reforça ainda mais o controle disciplinar, combinando a vigilância e a norma para criar um sistema que registra, avalia e qualifica os indivíduos de forma contínua.

## 2.7 O EXAME NO PODER DISCIPLINAR

Agora passamos para um mecanismo disciplinar crucial que combina a vigilância hierárquica com a norma: o Exame. Esse sistema não apenas classifica e pune, mas também registra e molda as identidades dos indivíduos. O Exame é uma prática de poder baseada na escrita, que coleta dados minuciosos sobre cada pessoa, criando uma documentação que reforça o controle. Instituições como a medicina moderna, a educação e as prisões utilizam o Exame como uma ferramenta de monitoramento e regulação, assegurando que o poder disciplinar atue de forma contínua e detalhada. Focaremos em dois aspectos do exame, o exame na medicina e o exame na escola.

Foucault inicia sua análise do exame afirmando que ele “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir” (Foucault, 2014, p. 181). Nessa definição, o exame emerge como um mecanismo que une a vigilância hierárquica, com seu olhar constante e ininterrupto, à norma, que classifica e sanciona os indivíduos. No entanto, o exame introduz um aspecto adicional: a escrita. Por meio do exame, é possível registrar e classificar o indivíduo de maneira precisa, analisando suas aptidões e comportamentos. Foucault vê o exame como uma forma de poder que transforma os indivíduos em objetos de conhecimento e controle, pois ele 'supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder' (Foucault, 2014, p. 183).

A medicina moderna usa do exame como uma ferramenta importante, nisso Foucault analisa a organização hospitalar a partir do século XVIII. O exame como documento escrito torna-se fundamental nos controles de doenças, das curas e dos falecimentos. A mudança que ocorre no século XVIII é que o médico, antes autônomo, passa a fazer parte da instituição hospitalar, como diz o autor:

O ritual da visita é uma de suas formas mais evidentes. No século XVII o médico vindo de fora, juntava a sua inspeção vários outros controles religiosos, administrativos; não participava absolutamente da gestão cotidiana do hospital. Pouco a pouco a visita se tornou mais regular, mais rigorosa, principalmente mais extensa: ocupou uma parte cada vez mais importante do funcionamento hospitalar (Foucault, 2014, p. 182).

Foucault faz uma analítica histórica das mudanças no século XVIII, refletindo uma transformação na prática médica e na organização dos hospitais, onde a presença constante e a supervisão contínua do médico se tornam essenciais para o cuidado dos pacientes e a administração do hospital. Foucault continua: “Os hospitais do século XVIII foram particularmente grandes laboratórios para os métodos escriturários e documentários. A manutenção dos registros, sua especificação, os modos de transcrição de uns para os outros” (Foucault, 2014, p.186). Godinho complementa dizendo: “as visitas, que eram rápidas e descontínuas, se tornam longas e freqüentes - trazem duas conseqüências: hierarquização do conhecimento, aparecendo a categoria do enfermeiro” (Godinho, 1990, p. 132). As mudanças que ocorreram no século XVIII foram primordiais, surgindo a categoria dos enfermeiros, que são responsáveis por categorizar os pacientes, enquanto o médico se foca nas decisões clínicas e diagnósticas. Portanto, o mecanismo de exame trouxe para a medicina moderna a escrita documentária, que sistematizou o controle e a observação contínua dos pacientes, e também impulsionou o surgimento da categoria dos enfermeiros. Estes, por sua vez, assumiram um papel essencial na gestão cotidiana da saúde, tornando-se responsáveis pelo acompanhamento técnico e pelo cuidado contínuo dos pacientes, enquanto os médicos se concentravam em diagnósticos e intervenções mais especializadas.

A escola, segundo Foucault, também opera como um aparelho<sup>9</sup> de exame constante, que acompanha toda a trajetória do ensino. Ele argumenta que 'a escola se torna uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino' (Foucault, 2014, p. 182). Para Foucault, a vigilância e a avaliação permeiam toda a experiência escolar, indo além das provas

---

<sup>9</sup> Foucault usa o conceito de "aparelhos" (ou "dispositivos") para descrever os diversos mecanismos e estruturas que compõem a rede de poder na sociedade. Esses aparelhos incluem instituições, leis, normas, técnicas e discursos que servem para regular e controlar o comportamento das pessoas. Aparelhos não são apenas objetos ou instituições, mas também processos e estratégias que orientam como o poder é exercido e mantido. Eles moldam as práticas sociais, produzem conhecimento e definem o que é considerado normal ou desviante. Foucault acredita que esses dispositivos são fundamentais para entender como o poder opera de forma capilar e não centralizada.

formais. Os alunos estão constantemente sendo observados, comparados e classificados, o que molda tanto seu comportamento quanto seu aprendizado. O exame permite que o mestre não apenas transmita seu saber, mas também produza conhecimento sobre seus alunos, classificando-os com base no desempenho (Foucault, 2014, p. 183). Dessa forma, o exame não só avalia, mas também classifica e normaliza os alunos, criando uma hierarquia de competência e conduta. Assim, o exame no sistema escolar serve como uma ferramenta de controle contínuo, avaliação e normalização, afetando profundamente a maneira como os alunos se inserem no sistema disciplinar.

Assim, o exame reúne dois pilares essenciais do pensamento foucaultiano: o poder e o saber. O poder, exercido por meio da escrita, transforma o indivíduo em objeto de observação e controle, enquanto o saber é produzido e acumulado a partir dos registros e avaliações sistemáticas, o exame argumenta Foucault, “está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação” (Foucault, 2014, p. 188). O exame, portanto, é uma prática que articula esses dois elementos, pois não só classifica e hierarquiza os indivíduos, mas também gera um campo de conhecimento que permite ao poder disciplinar ser exercido de forma ainda mais eficaz e minuciosa. Dessa maneira, o exame não apenas regula comportamentos, mas também legitima e perpetua a ordem social, transformando o saber em um instrumento de controle.

Fizemos as análises dos seguintes temas: dos corpos dóceis, da dimensão espacial e temporal, a vigilância hierárquica, da norma e do exame, chegamos ao ponto alto da análise foucaultiana sobre o poder disciplinar: o Panóptico. Essa estrutura arquitetônica idealizada por Jeremy Bentham sintetiza de maneira perfeita a eficiência e a sutileza do controle social, unindo todos os elementos discutidos até aqui. O Panóptico representa, de forma simbólica e concreta, o ápice da vigilância, da disciplina e do controle dos corpos na modernidade.

## 2.8 O PANÓPTICO

Inicialmente o termo Panóptico foi adotado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham no século XVIII. O Panóptico de Bentham é um projeto arquitetônico para prisões. A ideia era criar uma estrutura que permitisse a vigilância eficaz dos prisioneiros, assegurando que eles se comportassem adequadamente, mesmo quando não estavam sendo observados diretamente. A arquitetura do Panóptico é caracterizada por uma torre central de vigilância, cercada por uma série de celas dispostas em círculo. Cada cela é projetada de tal forma que o prisioneiro não pode ver o vigia, mas o vigia pode observar todos os prisioneiros ao mesmo tempo. Isso cria um efeito de controle psicológico: mesmo que o guarda não esteja sempre presente, os prisioneiros sentem que estão sendo constantemente observados.

Michel Foucault utiliza o conceito de Panóptico, originalmente desenvolvido por Jeremy Bentham, como uma metáfora central para entender como as sociedades modernas exercem poder. O Panóptico, que Bentham idealizou como uma estrutura arquitetônica para prisões, é um edifício que permite a vigilância contínua dos prisioneiros a partir de uma torre central. Foucault, no entanto, amplia essa noção para além da arquitetura física, transformando-a em um princípio de organização social e controle que ele chama de panoptismo. Nesse contexto, o panoptismo é um mecanismo de poder que se baseia na visibilidade e na vigilância, permitindo controlar os comportamentos sem que haja um vigilante constantemente presente. Esse dispositivo se manifesta em diferentes instituições, como escolas, hospitais, fábricas e até mesmo no próprio Estado. Foucault utiliza o Panóptico como um símbolo de um poder que vai além da observação direta: é um poder que molda os indivíduos por meio de uma vigilância contínua e sutil, infiltrando-se na mente e no comportamento das pessoas e criando uma forma de controle que permeia toda a sociedade.

O ponto crucial do Panóptico foucaultiano é que ele cria um ambiente em que os indivíduos se sentem constantemente observados, mesmo quando não há alguém efetivamente vigiando. Esse sentimento de vigilância permanente, ou "autovigilância", é a chave para o sucesso do controle disciplinar. Diferente da vigilância ostensiva, como nas punições públicas, o Panóptico opera no plano psicológico, fazendo com que o controle social seja internalizado. Os indivíduos ajustam seu comportamento, não porque estão sendo forçados, mas porque acreditam que podem ser observados a qualquer momento.

Foucault estende essa metáfora para diversas esferas da sociedade, argumentando que a mesma lógica panóptica está presente em lugares como escolas e fábricas, onde a ordem e o controle são mantidos por meio da vigilância sutil, mas constante. O objetivo do Panóptico é garantir que os indivíduos se comportem de maneira apropriada, não apenas em resposta a sanções externas, mas porque passaram a internalizar essas normas.

Ao explicar a extensão dessa vigilância, Foucault destaca como o Panóptico cria um efeito de controle sobre as massas ao fragmentar os indivíduos e evitar que eles formem coletividades perigosas para a manutenção da ordem. Ele afirma:

[...] é a garantia da ordem. Se os detentos são condenados não há perigo de complô, de tentativa de evasão coletiva, projeto de novos crimes para o futuro, más influências recíprocas; se são doentes, não há perigo de contágio; loucos, não há risco de violências recíprocas; crianças, não há 'cola', nem barulho, nem conversa, nem dissipação. Se são operários, não há roubos, nem conluios, nada dessas distrações que atrasam o trabalho, tornam-no menos perfeito ou provocam acidentes. A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas" (Foucault, 2014, p. 194, 195).

Aqui, Foucault exemplifica como o Panóptico desmantela o potencial de subversão que reside na coletividade. A "massa compacta", como Foucault descreve, é uma ameaça porque pode gerar resistência coletiva. Quando os indivíduos se unem, há uma troca de influências e ideias que podem desafiar o status quo, seja em um contexto prisional, hospitalar ou escolar. O Panóptico, ao desmantelar os indivíduos e mantê-los isolados uns dos outros, impede a formação dessas alianças subversivas. Assim, o controle se torna muito mais eficaz, uma vez que os indivíduos, separados, são mais fáceis de serem controlados e disciplinados.

A ideia central aqui é que o poder, para ser eficaz, não precisa se manifestar de forma violenta ou coercitiva. Pelo contrário, é justamente a suavidade e a invisibilidade do poder panóptico que o torna tão eficiente. A vigilância se dá de maneira quase imperceptível, e o controle psicológico é tão poderoso quanto a vigilância física direta. Portanto, a sociedade panóptica descrita por Foucault é uma sociedade onde todos os indivíduos são, em maior ou menor grau, vigiados, e essa vigilância, embora invisível, é internalizada. Essa fragmentação das individualidades permite que as instituições exerçam controle sobre as pessoas sem a necessidade de intervenções ostensivas ou constantes. A ordem é mantida, e os comportamentos

desviantes são minimizados, pois os indivíduos, sob a constante possibilidade de serem observados, ajustam seus comportamentos para se adequar às normas sociais estabelecidas. Essa dinâmica de poder, em última análise, não se limita ao ambiente prisional. O Panóptico de Foucault é uma metáfora poderosa para entender o funcionamento da sociedade moderna, onde o poder é exercido de forma difusa e constante, moldando comportamentos através de um sistema de vigilância disseminado e autoimposto.

O Panóptico além de ser uma ação direta ao corpo do indivíduo, a ação panóptica age também no psicológico, porque, “o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (Foucault, 2014, p. 195). O detento, o paciente, o estudante e o funcionário, não vê quem o vigia, mas sabe que está sendo vigiada sabe que ação fora da conduta, fora da norma, será punido então no Panóptico a consciência é a primeira a vigiar. Então essa ação no consciente do indivíduo, essa ação do ‘eu te vejo, mas você não me vê’ entra em dois aspectos apresentados por Foucault, o visível e inverificável, diz o autor:

Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo (Foucault, 2014, p. 195).

Foucault explora como a visibilidade atua como um mecanismo de controle social, onde a presença potencial do vigilante é mais eficaz do que a supervisão constante. No contexto do Panóptico, o detento está sempre ciente da torre central que simboliza a vigilância. Essa arquitetura foi projetada para induzir a sensação de estar sendo observado, mesmo quando não há ninguém fisicamente presente. Segundo Foucault, a plena visibilidade substitui as antigas masmorras escuras, criando uma nova forma de controle: “[...] o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções, trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha” (Foucault, 2014, p. 194). Aqui, a luz e a exposição constante do detento criam um ambiente onde a vigilância é internalizada, levando o indivíduo a agir de forma

disciplinada sem precisar de um vigilante direto. Para Foucault, o aspecto mais intrigante é o caráter inverificável dessa vigilância: o detento não sabe se está sendo observado, mas a possibilidade de que possa ser observado a qualquer momento é o suficiente para gerar um estado de autocontrole. Assim, o poder disciplinar se manifesta não apenas na presença física da vigilância, mas na incerteza e na internalização dessa possibilidade, o que leva os indivíduos a regular seu próprio comportamento.

Por fim, o Panóptico funciona como a ferramenta máxima do poder disciplinar, centralizando o poder em uma única estrutura de vigilância. A torre central permite que um único observador monitore todos os prisioneiros, simbolizando a capacidade do poder de exercer controle absoluto sobre os indivíduos. Esse modelo reflete como o poder disciplinar se organiza: ao criar um sistema em que a supervisão é constante e abrangente, os indivíduos passam a se comportar de acordo com as expectativas sociais, mesmo na ausência de uma vigilância direta. O Panóptico, nesse sentido, atua como uma forma de controle psicológico, na qual a internalização da vigilância leva os indivíduos a monitorarem a si mesmos, ajustando suas ações conforme as normas estabelecidas.

Além disso, o poder do Panóptico não reside apenas na observação direta, mas na percepção de que se pode ser observado a qualquer momento. Este "poder invisível", como Foucault destaca, se torna ainda mais eficaz na medida em que os indivíduos não sabem se estão sendo vigiados, mas agem como se estivessem. Assim, o Panóptico une as diversas práticas disciplinares sob uma filosofia de controle que não precisa de força física para ser exercida, bastando a ameaça constante e invisível da vigilância. Esse mecanismo de controle psicológico se estende para além das prisões, perpassando a vida cotidiana nas instituições contemporâneas, onde a vigilância e o controle social são internalizados de forma quase automática.

Portanto, o Panóptico representa uma síntese poderosa das práticas disciplinares que permeiam nossas vidas cotidianas, ao ilustrar como o poder pode ser exercido através da vigilância e do controle sutil sobre os indivíduos. Ele revela como a vigilância se entrelaça com outros mecanismos de controle social, como a normatização e a hierarquização, criando uma rede complexa que não apenas molda comportamentos, mas também condiciona a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros. Foucault nos convida a refletir sobre as implicações desse modelo panóptico em nossas vidas contemporâneas, especialmente em um mundo

onde as tecnologias modernas, como câmeras de segurança, redes sociais, algoritmos de rastreamento e monitoramento digital, ampliam ainda mais as possibilidades de vigilância e controle, tornando o poder disciplinar mais invisível e penetrante.

Nesse contexto, a vigilância constante já não depende apenas de uma torre centralizada como no Panóptico original, mas se difunde por meio de plataformas digitais e instituições cotidianas, fazendo com que os próprios indivíduos se tornem, em certa medida, cúmplices de sua própria vigilância. Assim, o Panóptico de Foucault, embora originado em uma arquitetura física de controle, nos convida a refletir sobre o quanto as dinâmicas de poder e vigilância se enraizaram profundamente em nossas sociedades contemporâneas, impactando nossa autonomia, liberdade e subjetividade de maneiras cada vez mais sutis e complexas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo aprofundar o estudo do conceito de poder, com ênfase no poder disciplinar na filosofia de Michel Foucault, fundamentando-se principalmente em sua obra *Vigiar e Punir*. Examinamos como o poder disciplinar atua sobre o corpo, moldando-o em um 'corpo dócil' e funcional ao controle e à produtividade. Para Foucault, essa disciplinarização do corpo é um dos aspectos centrais desse tipo de poder, que se manifesta tanto na organização espacial e temporal dos indivíduos quanto na vigilância e na normalização de comportamentos. Essa análise destaca como o poder disciplinar ultrapassa o simples controle corporal, penetrando na subjetividade e criando indivíduos conformes às exigências institucionais

Antes de abordar diretamente o poder disciplinar, foi necessário explorar o conceito mais amplo de poder na filosofia de Foucault e como ele se diferencia de outros pensadores que discutiram o tema anteriormente. Para isso, revisamos as teorias dos contratualistas clássicos, Hobbes, Locke e Rousseau, cujas visões centralizavam o poder em um soberano ou em um pacto social. Em contraste, Foucault propõe que o poder está difuso em toda a sociedade, manifestando-se em múltiplas relações, e não apenas centralizado em instituições ou indivíduos.

No segundo capítulo, aprofundamos o conceito de poder disciplinar, discutindo inicialmente como ele surgiu no pensamento de Foucault e como foi desenvolvido em sua obra "*Vigiar e Punir*". Analisamos a transformação do 'corpo supliciado', objeto das punições violentas e públicas, no 'corpo útil', um corpo moldado e controlado por mecanismos de disciplina. No contexto do poder disciplinar, o corpo torna-se o alvo central, submetido a uma série de técnicas de adestramento e vigilância que visam otimizar suas capacidades e torná-lo produtivo. Foucault mostra como esses mecanismos de controle sobre o corpo foram fundamentais para o surgimento de uma nova organização social e, especialmente, para o avanço do capitalismo, ao transformar os indivíduos em engrenagens produtivas de um sistema econômico.

Dando mais profundidade à análise, discutimos como o poder disciplinar, descrito por Foucault, conseguiu docilizar os corpos na sociedade moderna. Usamos como exemplo inicial a disciplina militar, cujos métodos rigorosos de controle moldaram o soldado como o protótipo do 'corpo dócil'. 'O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe' (Foucault, 2002, p. 117). A figura do soldado

ilustra como o poder disciplinar atua de forma eficiente, ao criar sujeitos obedientes e prontos para cumprir ordens sem questionar. A disciplina militar, portanto, foi uma das primeiras formas de organização social a aplicar, de maneira sistemática, os métodos de docilização dos corpos.

Ainda no conceito de 'corpos dóceis', analisamos como esses mesmos métodos foram adaptados e aplicados em esferas econômicas. No contexto da fábrica e do trabalho, os corpos dos trabalhadores foram disciplinados para maximizar a produção, tornando-os peças essenciais em um sistema econômico que exigia eficiência e controle. Assim como no ambiente militar, o objetivo era transformar o corpo em uma ferramenta útil, capaz de realizar tarefas de forma automática e previsível, sem resistência. Foucault argumenta que essa disciplina econômica dos corpos foi fundamental para o avanço do capitalismo, pois criou uma força de trabalho moldada pela submissão às regras e pela obediência à hierarquia. A fábrica, assim como o quartel, torna-se um espaço de controle disciplinar, onde a vigilância constante e a repetição de tarefas levam à docilização completa dos trabalhadores.

"No presente trabalho, discutimos também as dimensões espacial e temporal do poder disciplinar. A dimensão espacial, que organiza o espaço dos indivíduos, e a temporal, que regula o tempo, são fundamentais para a eficácia do poder disciplinar. A dimensão espacial está ligada à capacidade do poder de disciplinar tanto corpos individuais quanto coletivos, transformando-os em 'quadros vivos' que, ao serem controlados e organizados, servem aos interesses de instituições como escolas e fábricas. Esse controle, inspirado nos modelos dos antigos conventos — onde 'os modelos do convento se impõem pouco a pouco' (Foucault, 2014, p. 139) —, visa maximizar a ordem e a produtividade. A técnica do quadriculamento, discutida em nosso trabalho, é essencial para entender como o poder disciplinar fragmenta e organiza o espaço de forma a isolar e controlar os indivíduos. Por fim, o propósito dessa organização espacial é criar um ambiente útil, sem dispersões ou desvios, onde os indivíduos são constantemente orientados a cumprir suas funções de maneira eficiente.

Agora, a dimensão temporal do poder disciplinar revela-se igualmente essencial na análise de Foucault. Assim como o controle espacial organiza e classifica os indivíduos em lugares específicos, o controle do tempo envolve a segmentação das atividades e o estabelecimento de rotinas detalhadas que visam maximizar a eficiência e o rendimento. Esse controle temporal se manifesta na imposição de

horários rigorosos, na organização meticulosa das tarefas e na repetição de exercícios que transformam o tempo em um recurso controlável. Essa regulação visa não apenas organizar, mas também padronizar comportamentos, instaurando uma ordem temporal que se integra ao funcionamento das instituições.

A disciplina do tempo permite uma gestão minuciosa dos corpos e de suas ações, assegurando que cada movimento, cada pausa, cada tarefa seja planejada e calculada. Foucault aponta que o poder disciplinar, ao controlar o tempo com exatidão, evita distrações, atrasos e dispersões, transformando-o em um fator de utilidade máxima. Em instituições como escolas, fábricas e prisões, a dimensão temporal é um instrumento de controle que complementa a dimensão espacial, produzindo corpos “dóceis” e treinados para obedecer a um ritmo imposto.

Nos conceitos de vigilância e norma, discutidos no decorrer do trabalho, vimos como a visibilidade e a regularização dos comportamentos se entrelaçam no funcionamento do poder disciplinar. A vigilância hierárquica e constante não é apenas uma prática externa, mas um mecanismo que se internaliza nos indivíduos, levando-os à autocensura e à conformidade. Da mesma forma, a norma funciona como um micro-sistema penal dentro das instituições, regulando os comportamentos e estabelecendo um padrão de conduta esperado. Além disso, discutimos o papel central do exame no contexto do poder disciplinar. O exame, para Foucault, é um instrumento que combina a vigilância e a normalização, funcionando como um mecanismo que tanto observa quanto julga. Por meio do exame, é possível não apenas monitorar os indivíduos, mas também classificar, qualificar e quantificar seus comportamentos e desempenhos.

O exame, portanto, reforça a vigilância hierárquica ao permitir uma observação detalhada e constante, e também sustenta a norma ao estabelecer critérios pelos quais os indivíduos são avaliados e comparados. Ele funciona como uma tecnologia de poder que insere os indivíduos em um campo de visibilidade, no qual são constantemente analisados e registrados, e é nesse contexto que o poder disciplinar alcança sua máxima eficácia, criando um sistema de controle que opera tanto externamente quanto internamente, na subjetividade dos indivíduos.

Por fim, ao abordarmos o Panóptico e o panoptismo, observamos como Foucault usa o modelo arquitetônico de Bentham para ilustrar um princípio mais abrangente de controle social. Enquanto o Panóptico é uma estrutura física de vigilância, o panoptismo representa uma lógica de poder que ultrapassa a arquitetura,

manifestando-se em diversas instituições e permeando toda a sociedade. Essa lógica estabelece um regime de visibilidade constante que instaura um controle aparentemente invisível, mas sempre latente, moldando comportamentos e promovendo a conformidade dentro das instituições

Foucault caracteriza o poder disciplinar portanto como uma força que molda profundamente os sujeitos, direcionando suas ações, pensamentos e até desejos. Nesse sentido, o corpo, embora se apresente como um 'fato bruto', não representa necessariamente uma resistência ao poder, mas uma forma de controle, sendo moldado e adestrado para a docilidade. A resistência a essa forma de poder é desafiadora, pois o disciplinamento se enraíza nas práticas cotidianas e nas instituições, tornando ilusória a ideia de fuga total. No entanto, a conscientização e a crítica constante sobre essas estruturas possibilitam espaços de liberdade e agência. Assim, este trabalho buscou não apenas investigar o funcionamento do poder disciplinar, mas também provocar reflexões e debates sobre suas implicações nas experiências individuais e sociais.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: **A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: **nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: **o nascimento da prisão**. 42ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/, RJ: Editora Vozes, 2014.

HOBBS, T: **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Abril, 1974.

HOBBS, T: **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo civil**. Tradução de Márcia Xavier de Brito. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MORANDO, Maria Eunice Gondinho. **Educação e Disciplina, uma relação de sujeito ou efeitos de poder da prática**. 1990. Tese (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Rio de Janeiro.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social; Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SOUSA, N. C.; MENESES, A. B. N. T. **O poder disciplinar: uma leitura em vigiar e punir**. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, 1(4), 18-35, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/561/510>.